

ASPECTOS DA SEGREGAÇÃO*

Sidi Askofaré

Psicanalista, Doutor em Letras e Ciências Humanas e em Psicologia, Professor e Diretor de Pesquisa da Université de Toulouse 2 – Le Mirail, professor do Colégio Cínico do Sudoeste (França), AME da École de Psychanalyse des Forums du Champ – France (EPFC – France)
E-mail: s.askofare@wanadoo.fr

Resumo: O mal-estar do homem na civilização diagnosticado por Freud em 1929 é redobrado, de acordo com a perspectiva lacaniana, pelas incidências do discurso da ciência moderna. Entre suas consequências, estão, sem dúvida, os fenômenos de segregação, que são o inverso do movimento de universalização iniciado e instituído pela ciência. O presente artigo examina os fundamentos desta tese e a exemplifica.

Palavras-chave: segregação; discriminação; discurso da ciência; laço social; psicologia das massas; universalização.

Abstract: The discontents of civilized man as diagnosed by Freud in 1929 are intensified, according to the Lacanian view, by the incidents of the discourse of modern science. Doubtless, its consequences include the separation phenomena, which are the reverse of the universalization movement that was started and introduced by science. This article looks at the fundamentals of this thesis and provides examples thereof.

Keywords: separation; discrimination; discourse of science; social bond; psychology of the masses; universalization.

O termo segregação não pertence ao vocabulário corrente e menos ainda aos conceitos fundamentais da psicanálise. Entretanto, é progressivamente imposto como uma noção a que recorremos e que colocamos em operação cada vez mais desde que esteja em questão circundar os efeitos do discurso da ciência na civilização contemporânea. Consequentemente, este uso encerra a segregação nos limites de uma noção descritiva sumária se diluindo de modo tendencial nas categorias sociológicas e polí-

* Texto publicado anteriormente em *Trêfle*, Revue de l'Association *Freud avec Lacan*, n° 3 (Toulouse, 1999, pp. 51-60).

ticas de *discriminação* e de *exclusão*. Essa depreciação da noção de segregação na sua acepção lacaniana é fundada? Podemos e devemos despertar o que dessa noção de segregação está recoberto, ignorado ou negligenciado pelos comentadores?

Neste breve trabalho eu me atarei a desembaraçar as coordenadas da noção de segregação no ensino de Lacan e a estabelecer que se devem distinguir *peelo menos* dois conceitos de segregação: a segregação como *causa*, ou mais precisamente como *princípio* e o *efeito* da segregação.

Situação da segregação no ensino de Lacan

Tomarei como ponto de partida duas atestações que se impõem desde que se estabeleça como tarefa o exame da noção de segregação no ensino de Lacan. A primeira é relativa à “carreira” bastante breve, até fulgurante, dessa noção. Ela se desenrola, parece, entre 1967 e 1970. Sem ser verdadeiramente um hápax, é difícil de tomá-la como uma categoria central e recorrente deste ensino. A segunda tem relação com o laço quase exclusivo estabelecido entre a segregação e a emergência e a dominação do discurso da ciência. Ora, esse laço, se ele é importante e insistente nas articulações do próprio Lacan, está longe de ser exclusivo. Com efeito, tomando como indicações os textos, parece que o tema da segregação surge no entrecruzamento de três problemáticas: o laço social e o político, a instituição analítica e o passe e, enfim, o discurso da ciência e a forclusão do sexo e do amor. São esses temas que constituem o suporte e o espaço de desenvolvimento da noção de segregação nos três textos que considero como os mais essenciais sobre essa questão, a saber: *Proposição de 9 de outubro de 1967* (primeira versão), o *Pequeno discurso de Jacques Lacan aos psiquiatras* e o seminário de 11 de março de 1970 (*Édipo e Moisés e o pai da horda*, que se encontra no seminário XVII – O avesso da psicanálise).

Na medida em que Lacan não submete a noção de segregação a um tratamento sistemático, parece um modo de deslocamento ou de discrepância entre a lógica do conceito e a cronologia de sua exposição e de suas ilustrações. Esse hiato é talvez responsável pelo privilégio geralmente acordado ao efeito de segregação fomentado pelo discurso da ciência em detrimento dessa segregação estrutural que Lacan coloca no princípio de toda fraternidade, senão de todo discurso.

O princípio segregação

Procedamos segundo a ordem das razões na medida em que não é aquela da cronologia, partindo ao que proponho denominar – calcado sob a fórmula de Hans Jonas – o princípio segregação. É logo depois de ter situado a *prática de segregação* e os efeitos de segregação que Lacan introduz um modo da segregação que, longe de ser efeito do discurso da ciência, é situado como origem, princípio de todo discurso.

É no seu seminário de 11 de março de 1970 – tão essencial como se sabe para introduzir *Para além do complexo de Édipo* – que Lacan, no seu esforço de desconstruir mitos freudianos do pai, produz essa tese fundamental que se enuncia assim:

Não conheço senão uma só origem da fraternidade (...), é a segregação. (...) Na sociedade (...), tudo que existe está fundado sobre a segregação e, em primeiro lugar, a fraternidade.

Nenhuma outra fraternidade não se concebe mesmo, não tem o menor fundamento, (...), o menor fundamento científico, se esta não for somente porque se é isolada ao mesmo tempo, isolada do resto. Trata-se de se ter a função, e de saber por que é assim. Mas, enfim, que isso seja assim, salta aos olhos, e fazer como se isso não fosse verdade, isso deve, à força, ter alguns inconvenientes. (LACAN, 1991, p. 132)

Essa tese em que se sabe que ela procede da releitura crítica por Lacan do mito *Totem e Tabu* situa então de modo inteiramente original a segregação. Lembro-me os termos nos quais Lacan reformula saborosamente o mito freudiano:

O velho pai as tinha todas para si, o que é já fabuloso – porque teria elas todas para ele? – ainda que houvesse outros rapazes todos iguais, eles também poderiam talvez ter sua pequena ideia. Eles o matam. A consequência é inteiramente outra coisa que o mito de Édipo – por ter matado o velho, o velho mono, passam-se duas coisas. Coloco uma entre parênteses, pois ela é fabulosa – eles se descobrem irmãos. Enfim, isso pode lhes dar alguma ideia sobre o que é a fraternidade. (Ibid., p. 131)

É sobre esse ponto do mito que Lacan toma apoio para afirmar que a única origem determinável da fraternidade é a segregação. O que ele entende por isso senão que assim como o genitor não é o pai, o consanguíneo não é o irmão, dito de outro modo, a fraternidade é o feito do significante. Para apoiar essa tese, Lacan convoca a biologia e faz valer a diversidade, a dessemelhança, o disparate que domina nos vivos tomados ao real: “mesmo com nosso irmão consanguíneo, nada pode nos provar que somos seu irmão – podemos ter um lote de cromossomos completamente opostos” (ibid., p. 131).

No caso do mito, não é portanto a consanguinidade real, mas o reconhecimento de que eles são todos dois filhos da Morte – tornado pai e mesmo Nome-do-Pai – que os fazem irmãos. Mas não somente; sua fraternidade procede igualmente daquilo que eles são excluídos – o gozo, cujo pai morto tem a guarda –, disso que lhes é interdito – suas mães – e daquilo que lhes é permitido – o exercício de seu desejo ao lado das mulheres que não foram aquelas do pai.

Vemos bem, mesmo se ficarmos retidos numa leitura apressada do mito, que essa segregação fundamental, estrutural, que Lacan coloca no fundamento da fraternidade, se instaura a partir de uma dupla referência ao significante-mestre, S1, e ao gozo, e se articula segundo um triplo processo: de separação, de isolamento e de concentração. Que ela não seja efeito, resultado ou consequência de um discurso, mas do princípio mesmo de discursos que estruturam os laços inter-humanos se verifica no fato de que todas as formas de organizações humanas que se suportam e se nutrem da ideia de fraternidade – da família à nação – passando pelo clã, a tribo, a raça ou a religião, etc... – não são senão tipos de arranjos em torno de um S1 ou de modos regidos de tratamento do gozo que não se põe senão se opondo, que só são o *Um* devido ao *Outro*; ou quando o *Outro* se desvanece, é o *Um* que se cinde!

O efeito de segregação

É então sobre o fundo desse princípio segregação – indissociável do fato humano como tal – que vem se inscrever o outro valor da noção de segregação, o efeito de segregação que subsume a segregação como prática – a prática segregativa – e os fenômenos de segregação.

É notável que seja em dois textos contemporâneos e todos os dois quase clandestinos – a *Proposição de 9 de outubro de 1967* (primeira versão) e o *Pequeno discurso de Jacques Lacan aos psiquiatras* de 10 de novembro de 1967 – que Lacan abordou mais frontalmente o que se tem do efeito de segregação. Mas é notável também que o primeiro texto tinha por destinatário um público de psicanalistas e que o segundo fosse pronunciado diante de um auditório de psiquiatras em formação.

1) Na *Proposição de 9 de outubro de 1967*, é a partir da questão da instituição analítica tal como ela foi concebida e realizada por Freud que Lacan introduz a noção de segregação.

Lacan ata um modo de solidariedade orgânica entre a prevalência do conceito de identificação – notadamente a função que lhe é assinalada na concepção do término da análise –, com a estrutura da instituição analítica – o I.P.A. naquela época – em suas relações à Igreja e ao Exército e a “colocação em margem da dialética edipiana que resulta daí” e que “vai sempre cada vez mais se acentuando na teoria e na prática”.

Lacan assegura que “esta exclusão tem uma coordenada no real” que não é outra que “o advento, correlativo da universalização do sujeito procedente da ciência, do fenômeno fundamental, cujo campo de concentração mostrou a erupção”.

E Lacan prossegue:

[...] que não se veja que o nazismo tivesse somente aqui o valor de um precursor reativo. O crescimento de um mundo organizado sobre todas as formas de segregação, eis em que a psicanálise cresceu mais sensivelmente ainda, não deixando um de seus membros reconhecidos aos campos de concentração.

Ora está aí a mola da segregação particular em que ela sustenta a si mesma, na medida em que o I.P.A. se apresenta nesta extraterritorialidade científica que acentuamos, e que fazem outra coisa que as associações análogas como titular de outras profissões.

Tem-se, dizendo de modo adequado, uma segurança que se toma em encontrar um acolhimento, uma solidariedade, contra a ameaça dos campos se estendendo a um de seus setores. A análise encontra-se assim em proteger suas defesas – de uma redução dos deveres implicados no desejo do analista.

Temos aqui que marcar o horizonte complexo, no sentido próprio do termo, sem o qual não se saberia fazer a situação da psicanálise.

A solidariedade de três funções maiores que nós viremos a traçar encontra seu ponto de cooperação na existência dos Judeus. O que não é para se admirar quando sabemos a importância de sua presença em todo seu movimento.

É impossível de se exonerar da segregação constitutiva desta etnia com as considerações de Marx, aquelas de Sartre ainda bem menos. É por isso, porque especialmente a religião dos Judeus deve ser colocada em questão em nosso seio. (pp. 22-23)

Na perspectiva desempenhada por Lacan, o crescimento dos fenômenos de segregação aparece ligado não a um só discurso que responderia a tudo, mas à existência de discursos como tais, englobando a analítica, desde que eles se estruturam em torno de um Pai ideal ou de um significante ideal. Desse ponto de vista, pode-se afirmar que é somente de um e do mesmo movimento que se instauram as segregações, que se engendram as fraternidades e que se afirmam as solidariedades. A ideia de um “racismo de discurso” me parece encontrar aqui sua razão.

2) É preciso esperar o *Pequeno discurso aos psiquiatras*, de 10 de novembro de 1967, para ver exposto por Lacan o lugar da articulação do discurso da ciência e das práticas e fenômenos de segregação. E o espírito deste lugar não é estranho na medida em que é num lugar de segregação, de encerramento, o hospital psiquiátrico – na ocasião no círculo psiquiátrico H. Ey de Saint-Anne – que Lacan pronuncia essa conferência.

Outro lugar, outro público, outra proposta então. A questão da segregação é aqui introduzida a partir de uma reflexão sobre a posição do psiquiatra, sobre o lugar privilegiado do exercício de seu poder e de sua autoridade – o hospital psiquiátrico – e sobre o processo histórico-epistêmico e a prática segregativa em que este lugar nasceu e que M. Foucault tinha, alguns anos antes, numa escrita admirável, esboçado a história.

Lacan toma seu ponto de partida então numa prática segregativa específica, aquela do encerramento da loucura e do isolamento dos loucos, prática pela qual ele imputa a emergência mesmo da ideia de sintoma – estamos aqui nas antípodas da invenção marxiana do sintoma. Mas é para reconduzir essa prática mesma à sua condição radical – que paradoxalmente ela partilha com a psicanálise –, a saber, o advento da ciência moderna e do sujeito que lhe é correlato, o sujeito da ciência.

Se não é necessário aqui lembrar as coordenadas desta ciência moderna e do sujeito que a promove, é útil estimar as consequências de seu advento no plano daquilo que é preciso denominar subjetividade.

O nascimento da ciência moderna, correlata de um “primeiro isolamento do sujeito puro” se acompanha desta constatação:

[...] este sujeito – puro – certamente, não existe em nenhum lugar, senão como sujeito do saber científico. É um sujeito em que uma parte é velada, aquela justamente que se exprime na estrutura do fantasma, a saber, que comporta uma outra metade do sujeito e sua relação ao objeto *a*. O fato de que tudo aquilo até aqui foi interessado sem seu saber por esta estrutura real, a saber, o modo em que o tratamos até aí, o modo em que isso é inscrito nas relações sociais, em que de algum modo a construção social é fundada sobre essas realidades subjetivas, mas sem saber as nomear; é claro que a expansão, a dominância deste sujeito puro sobre a ciência é o que vem a estes efeitos em que vocês todos são os atores e os participantes, a saber: esses profundos rearranjos de hierarquias sociais que constituem a característica de nosso tempo.

A questão é desde então aquelas consequências no real da dominância e da nulibiquidade desse puro sujeito da ciência.

A tese proposta por Lacan é clara. Há

[...] um preço cujo isso paga à universalização do sujeito, na medida em que é o sujeito falante, o homem. O fato que se apaga as fronteiras, as hierarquias, os graus, as funções reais e outras, mesmo se isso permanece sob formas atenuadas, quanto mais isso vai se tornando submisso às transformações da ciência, mais ela é o que domina toda nossa vida cotidiana e até a incidência de nosso objeto *a*.

É dessa ingerência do sujeito da ciência que Lacan vai então tentar marcar as incidências. Disso não reproduzimos aqui senão três consequências fundamentais indicáveis no plano geral:

a) A multiplicação, o desordenamento, o “erratismo” dos objetos *a*.

[Se] ele é um dos frutos mais tangíveis, que você pode tocar agora todos os dias, daquilo que se tem do progresso da ciência, é que os objetos *a* esquivam por todas as partes, isolados, todos sós e sempre prestes a lhe apoderar na primeira esquina. Não faço aí uma alusão a nada mais que à existência do que se denomina comunicação em massa, a saber, esses olhares errantes e essas vozes galhofeiras em que você está naturalmente destinado a ser cada vez mais cercado – sem que haja para suportá-los outra coisa do que aquilo que é interessado pelo sujeito da ciência, que você os verte nos olhos e nas orelhas.

b) O advento de um “novo” mal-estar na civilização universal, novo mal-estar que se distingue daquele identificado por Freud – fundado sobre os sacrifícios sexuais exigidos pela Civilização – e que redobra;

c) A emergência de uma *prática* nova, a prática segregativa:

[...] os progressos da civilização universal vão se traduzir (...) por uma prática, em que você verá que ela vai se tornar cada vez mais estendida, que não se fará sem demora ver sua verdadeira face, mas que tem um nome que se transforma ou que não quererá dizer a mesma coisa e que vai acontecer: *a segregação*.

A prática segregativa

O ponto em que avança Lacan não é então que o discurso da ciência engendra a segregação – sendo isso o feito do significante-mestre e de suas incidências sobre o gozo e sua repartição – mas que o discurso da ciência e o sujeito moderno que lhe é correlato iniciam uma prática – quer dizer, um tratamento do real pelo simbólico – da segregação. O acento a ser colocado aqui é então tanto sobre o fenômeno da segregação quanto sobre seu caráter organizado, combinado, planejado e memo racional. Os dois exemplos que Lacan convoca para apoiar sua tese são tirados das grandes

experiências trágicas da história do século XX: os campos de extermínio nazistas e os campos de concentração soviéticos. Ao que podemos facilmente acrescentar inclusive o *apartheid* sul-africano e os campos de reeducação chineses ou cambojanos.

Senhores nazistas, vocês podem ter um reconhecimento considerável, foram os precursores e têm inclusive já, um pouco mais ao Leste, os imitadores, naquilo que se tem em concentrar pessoas – é o resgate desta universalidade, entretanto, que ele somente resulta do progresso do sujeito da ciência.

Uma questão aqui se impõe: o que, na estrutura e na lógica da ciência moderna, lhe confere o triste privilégio de engendrar, de sustentar e de orientar essa *prática da segregação*?

Crio a hipótese de que há duas razões.

A primeira leva em conta, com efeito, a sua estrutura e a operação da qual provêm: a foraclusão da *verdade como causa*. Essa fórmula condensa, na realidade, toda uma série de *rejeições* concomitantes, tais como aquelas da *causa*, da *verdade*, do *sexo*, do *amor* e, então, do *Nome-do-Pai*.

É por isso mesmo que Lacan considerou, em 1965, que ao contrário “a psicanálise é essencialmente o que reintroduz na consideração científica o Nome-do-Pai” (LACAN, 1966, pp. 874-875).

Diria que o discurso da ciência determina um processo paradoxal que, de um lado, efetua um “*puro sujeito da ciência*” que não existe em parte alguma e, por outro, faz ex-sistir, fora de seu domínio de definição e fora do universo de seu discurso, diferentes fenômenos que presentificam e suportam a contestação lógica do *sujeito falante* que devia foracluir por se constituir. É entre outros em torno desses fenômenos que objetam ao processo de *Um-iversalização* e ao *Um-perialismo* da ciência que vão se constituir os *isolados*, as *concentrações*, as novas *repartições inter-humanas* que Lacan propõe denominar *efeito de segregação*.

O segundo aspecto, quanto a ele, sublinha que a lógica da ciência é analítica no sentido de que, para produzir o conhecimento de seus objetos, ela deve proceder pela decomposição, dissecação, separação, redução e *classificação*; e para satisfazer esse método e ao projeto que ela serve, não pode fazer outra coisa senão objetivar os sujeitos, quer dizer, aplicar aos sujeitos falantes o que era o princípio de sua eficácia no campo da *physis*.

Essa lógica da decomposição e de classificação, que cria e multiplica quase que espontaneamente classes – no sentido *lógico* – novas, leva nela o verme da segregação e engendra efetivamente efeitos de segregação desde que apliquemos ao homem.

Da medicina à psiquiatria, da psiquiatria ao direito, do direito à psicologia e à educação, o exame mesmo que pouco atento desses campos e práticas atesta que a incidência mais marcante da ciência moderna sobre eles é a adição, o crescimento dos efeitos de segregação. Esses efeitos de segregação têm inclusive sua versão epistêmica – e não somente espacial com os lugares espaciais em que se isola e concentra aqueles que são idênticos como loucos, criminosos, débeis, delinquentes e mesmo superdotados ou idosos – com a hiperespecialização dos saberes e de formações profissionais. A lista de diferentes DESS na psicologia pode aqui servir de ilustração. Forma-se um psicólogo para cada um: o louco, a criança, o imigrante, o trabalhador, o doente etc... como se o significante, e não mais que um só significante, fosse suficiente para subsumir o ser de um sujeito!

Concluirei colocando a questão: podemos alguma coisa? De outro modo não estaríamos na “natureza” da ciência como “*vontade de saber*”, de sempre obedecer à injunção de seu Supereu – “*Continue a saber*” – sem olhos para seus efeitos no real?

Se a ciência é fundamentalmente conduzida pela pulsão de morte, não é de se admirar que seus efeitos não sejam de agregação, mas de segregação e mesmo de desagregação. É Eros que une, que seja no efeito de transferência ou no efeito de massa (FREUD, 1921/1991). Também a psicanálise, inclusive mais como erotologia do que como ética ou terapêutica, se situando desse lado – aquele de Eros –, tenha chance de pregar peça à ciência e ao seu projeto funesto.

Tradução: Ronaldo Manzi

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Goiás e mestrado em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Atualmente é doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Coorganizou o livro *A filosofia após Freud* (São Paulo, Humanitas), assim como correvisou o livro *A visão em Parallax* (São Paulo, Boitempo). Publicou artigos em periódicos especializados, além de diversas traduções de artigos. Atua principalmente nas áreas da Fenomenologia francesa e da Epistemologia da Psicanálise. Participa do grupo de pesquisa Latesfip (Laboratório de Estudos em Teoria Social, Filosofia e Psicanálise).

Referências

- FREUD, S. (1912-1913/1993). *Totem et tabou*. Paris: Gallimard.
- (1921/1981). Psychologie des foules et analyse du moi. In: *Essais de psychanalyse*. Paris, Payot, pp. 117-217.
- (1929/1971). *Malaise dans la civilisation*. Paris : PUF.
- LACAN, Jacques (1966). La science et la vérité. In: *Ecrits*. Paris: Seuil, pp. 855-877.
- (1967). *Petit discours aux psychiatres*. Conférence prononcée à l'Hôpital Sainte-Anne, Cercle Psychiatrique Henri Ey, le 10/11/1967.
- (1969-1970/1971). *Le Séminaire, Livre XVII, L'envers de la psychanalyse*. Paris, Seuil.

Recebido em 5/10/2009; Aprovado em 4/12/2009.